

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE ¹

Margarida Custódio Moura ²

Resumo: O estudo de como a organização do espaço pode contribuir para uma educação infantil de qualidade tem sido uma área ainda pouco explorada na educação. No intuito de compreender essa problemática, este estudo teve como campo de pesquisa uma instituição de Educação Infantil da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal localizada no Plano Piloto, na cidade de Brasília. Os participantes foram 18 crianças e sua respectiva professora, observados durante 14 encontros nos mais distintos momentos do seu cotidiano. Os resultados provenientes da análise de indicadores de qualidade da educação infantil, no que se refere à organização do espaço, constituídos especificamente para a pesquisa, apontaram que os espaços oferecidos pela instituição em quase todos os seus aspectos contribuíram para a oferta de uma educação infantil de qualidade quando conferiu à criança o direito de tornar-se protagonista do seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Palavras-chave: Organização espacial; Educação infantil; Qualidade.

Introdução

Democratizar o acesso e oferecer uma educação infantil de qualidade para todas as crianças brasileiras requer compromisso e ações integradas do Estado, da família e da comunidade. Isso é tão mais importante quando se sabe que, conforme lembra Katz (1998, p. 15): “(...) programas de grande qualidade poderão dar um contributo decisivo para a qualidade de vida das crianças e para o seu futuro em geral”.

Ao se analisar a realidade da educação infantil no Brasil logo se percebe os sérios problemas na qualidade da educação nos diferentes tipos de atendimento em todas as regiões do país. Esses problemas vão desde a formação dos profissionais da área, a infra-estrutura material precária e as dificuldades de comunicação com as famílias, até a necessária descentralização e municipalização das redes de ensino, entre tantos outros. (CAMPOS; CRUZ, 2006).

Muitas pessoas, até por falta de informação, acabam por confundir o significado de qualidade, no âmbito de educação, com a idéia de qualidade empresarial, onde se tende a considerar o ser humano como produto, vivendo num espaço competitivo e produtivista. Nesse trabalho, qualidade da educação será vista como aquela capaz de satisfazer necessidades básicas das crianças, em especial: o aprender e o desenvolver-se.

Não é fácil definir o que seja qualidade, pois ela não possui um único conceito, já pronto e estabelecido. Sousa (1998, p.22) diz que:

Apesar de a qualidade ser algo muito importante na vida de todos nós, nem sempre paramos para pensar sobre isso. De certa forma, parece mais fácil exigir, falar sobre ou reconhecer a qualidade – num dado produto ou serviço ou num programa, numa pessoa ou numa equipe de trabalho, do que defini-la. E por que essa dificuldade? Acredito que ela decorre de uma série de fatores que se interpenetram, começando com a natureza ambígua, multidimensional e subjetiva do termo qualidade.

Como assinala a autora, falar em qualidade na educação infantil é falar de uma estrutura complexa, rodeada de instâncias diversas e dimensões distintas. O que lhe confere então o caráter de multidimensionalidade a que ela se refere.

Nessa perspectiva, para se ter uma educação de qualidade, várias são as dimensões que precisam estar contempladas: gestão, relação família-escola-comunidade, currículo, formação de professores, e tantas outras. Não há uma dimensão mais importante ou mais completa do que outra. Elas são de natureza interativa. Complementam-se, relacionam-se e se entrelaçam de modo que, quanto mais dimensões participarem dessa integração mais pode se dizer que a educação é de qualidade. E para que essas dimensões possam ser avaliadas, é necessário que se tenha critérios e indicadores definidos.

Dentre essas dimensões uma tem sido relativamente pouco pesquisada: a organização dos espaços. Uma educação infantil de qualidade não pode negligenciar a organização dos espaços. O espaço educa. Ademais, ele é um poderoso instrumento de educação.

Segundo argumentado por Escolano e Frago:

(...) o espaço-escola é, além disso, um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem (1998, p. 26).

Mas, o que se entende por espaço na educação infantil? Definir o que seja espaço é uma tarefa um tanto audaciosa. Ainda mais quando envolve o trabalho com crianças, seres tão criativos e sagazes, que imaginam com tanta facilidade e que agem com tanta astúcia...

Ao perguntar a um adulto o que é espaço, certamente se restringirá a defini-lo como algo fechado, como volume, áreas delimitadas; e ao buscar em dicionários tem-se o espaço como: “extensão indefinida, o universo, extensão superficial limitada (...)” (AMORA, 1999, p. 270).

Em Santos encontra-se uma visão mais abrangente. Espaço para ele é:

Um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (a sociedade) não é independente da forma (os conteúdos geográficos) e cada forma encerra uma fração de conteúdo (1997, p. 26-27).

Tais características são pertinentes quando aplicadas à educação. Professores e demais profissionais de educação infantil devem entender o espaço a partir dessas características, mas, também, na perspectiva que somente uma criança, com os seus valores diferentes dos adultos, pode ter.

Battini (citado por Fornero, 1998) descreve bem isso ao dizer:

Para a criança, o espaço é o que ela sente, o que vê e o que faz nele. Portanto, o espaço é a sombra e escuridão: é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno: é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar: é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio. São tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...

No presente trabalho, o termo espaço não se confunde com seu aspecto físico. Isso seria restringi-lo. Igualmente, não se entende espaço e ambiente como elementos distintos. Tal postura se inspira em Fornero (1998) que, mesmo diferenciando espaço e ambiente, reconhece que eles estão intimamente ligados, possibilitando entender o espaço sob uma perspectiva mais abrangente.

Dessa forma, portanto, o termo espaço diz respeito ao espaço físico e, também, à caracterização dada pelos objetos, materiais didáticos, relações ocorridas, mobiliário e decoração. O termo ambiente refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que nele se estabelecem, sejam elas afetivas ou interpessoais entre as próprias crianças, crianças e adultos e com a sociedade em geral. Por meio do espaço físico a criança é capaz de estabelecer relações entre as pessoas e o mundo, convertendo-o em um pano de fundo em que se introduzem as emoções. “Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em ambiente” (HORN, 2004, p. 28).

O ambiente é aqui entendido como uma estrutura com quatro dimensões: física; relacional, ou seja, as distintas interações que se produzem; funcional, que é a forma de utilização dos espaços; e, também, a temporal - organização do tempo, os momentos em que serão utilizados os diferentes espaços (op. cit.).

O espaço nunca é neutro. Ele é vida e desafio para ambos: para o professor e para as crianças. Estudá-lo, buscar conhecer seu papel no contexto da educação infantil, é uma necessidade

urgente. Ele é vida, é desafio, não somente para o professor, mas também para as crianças. Tal perspectiva representa a essência do trabalho aqui proposto. Assim, buscou-se identificar como os espaços escolares devem ser organizados para que a educação infantil seja de qualidade. Isto é, um espaço promotor do desenvolvimento e da aprendizagem, que possibilite aos pequenos liberdade para criar, produzir e, ainda, divertirem-se ao aprender e ao se constituírem cidadãos autônomos e cooperativos.

David & Weinstein argumentam que todos os espaços construídos para os pequenos devem prestar-se a cinco funções relativas ao desenvolvimento das crianças: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, assim como oportunidades para contato social e privacidade (citados por CARVALHO; RUBIANO, 1996, p. 109).

O objetivo maior da pesquisa foi investigar como a organização dos espaços, numa instituição de educação infantil, pode contribuir para uma educação infantil de qualidade, ou seja, como ele pode ser propício ao desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

A criança é fortemente marcada pelo meio social em que se desenvolve. Ela tanto traz marcas, quanto deixa as suas próprias nesse meio. As interações realizadas nesses espaços influem, fortemente, no seu desenvolvimento e aprendizagem. Essa idéia está bem sintetizada no Referencial Curricular para a Educação Infantil:

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e resignificação (1998, p.21-22).

Sob essa premissa, sustentou-se um dos objetivos específicos desta pesquisa: verificar se na prática escolar, no âmbito da educação infantil, o espaço é tido como uma possibilidade, um promotor do desenvolvimento e da aprendizagem infantil.

Um segundo objetivo específico foi identificar as concepções da professora em relação à organização dos espaços. Teve-se como intuito entender se há ou não intencionalidade da docente ao planejar os espaços onde seu trabalho pedagógico é desenvolvido, além de verificar, se ela utiliza os espaços de modo que os pequenos criem e ampliem, paulatinamente, seus horizontes, suas oportunidades e suas possibilidades de exploração e de realização diversas, de forma a obterem um crescimento e um desenvolvimento satisfatórios.

Método

Tipo de Estudo

Diante do objetivo de investigar como a organização dos espaços contribui para uma educação infantil de qualidade, não se encontrou método mais acertado do que a pesquisa qualitativa.

Esta pesquisa teve caráter exploratório, uma vez que há poucos estudos sobre esse tema. Nesse sentido, buscou-se entender a relação entre a organização dos espaços e a qualidade na educação infantil, ainda que se corra o risco de ficar no âmbito do que Oliveira (2007, p. 65) refere-se. Isto é: “(...) esse tipo de pesquisa desenvolve estudos que dão uma visão geral do fato ou fenômeno estudado”.

A figura abaixo apresenta os procedimentos metodológicos, permitindo, assim, uma compreensão melhor de como se deu a organização da pesquisa apresentada.

ABORDAGEM QUALITATIVA

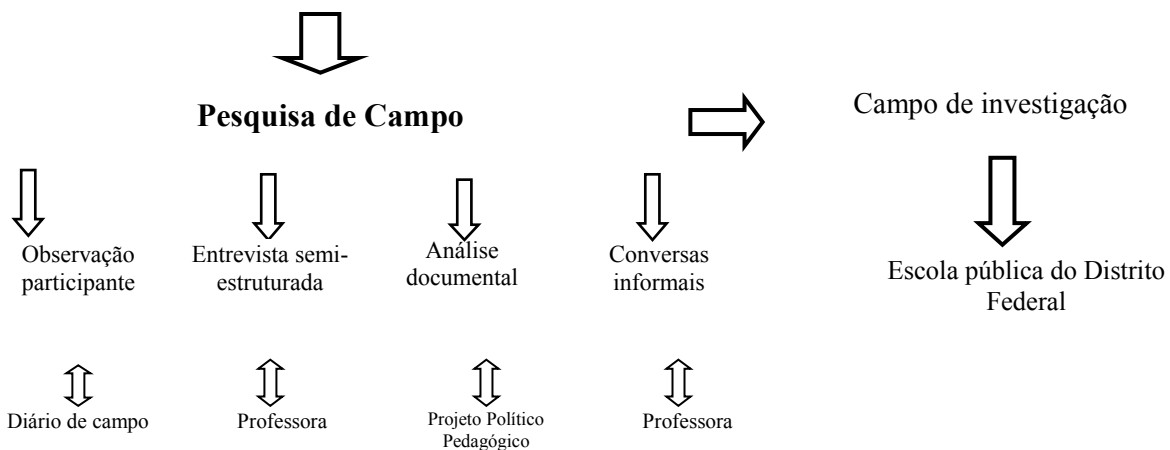


Figura 1 – Resumo do processo metodológico

Participantes

Dada a especificidade do objeto de estudo e a metodologia adotada, o lócus de investigação foi uma sala de aula do jardim I, com 18 crianças de 4 anos e sua respectiva professora, com formação em pedagogia e atuante na educação há treze anos. Desses, sete na educação infantil.

Delineamento e Procedimento

As observações totalizaram 31h30min e aconteceram durante todo o mês de junho de 2008. Foram 14 encontros de 2h em média, com exceção dos passeios (ao zoológico e a um museu) e festas previamente planejados, que se prolongaram um pouco mais.

Procurou-se estar na escola em horários e dias distintos, de maneira a observar a diversidade de atividades das crianças. Em alguns dias, a observação foi realizada nas primeiras horas. Em outros, nas três últimas. Com isso, os pequenos puderam ser acompanhados ao parque, às refeições, e às demais atividades dentro e fora da sala no período referido. A entrevista ocorreu já no final do processo de construção de dados. Já o Projeto Político Pedagógico (PPP) foi analisado na segunda semana de observação.

Análise dos dados

A análise das informações construídas, tanto pelas observações por meio dos registros do diário de campo, quanto pelas conversas espontâneas, ou pela entrevista e análise do Projeto Político Pedagógico, foi dividida em duas unidades temáticas que se complementam. A primeira, a organização do espaço, e a segunda, a qualidade na educação infantil. A partir dessas unidades foram construídos indicadores da organização espacial. Para construí-los inspirou-se em Forneiro (1998) e nas pesquisas de Davi e Weinstein (citado por Carvalho e Rubiano, 1996). Visando a uma melhor sistematização, esses indicadores foram classificados em sete grupos. E, por fim, para cada indicador foram elencados aspectos mais objetivos de modo a facilitar a compreensão de como o espaço contribui para uma educação infantil de qualidade.

A análise partiu de cada grupo de indicadores e seus respectivos aspectos. No decorrer das análises, discutiu-se como eles se apresentam ou não, e como contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. O quadro abaixo demonstra o detalhamento dos indicadores construídos.

Indicadores de qualidade (promotores do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças)		
ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE E QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	1- Condições Físicas	- limpeza e organização - higiene -luminosidade e ventilação -mobiliários, materiais e objetos de fácil acesso às crianças - diversidades de arranjos - segurança - planejamento adequado dos espaços externos à sala de aula - respeito às necessidades dos alunos com necessidades especiais
	2 - Relação tempo/espaço	- o planejamento das rotinas considera as necessidades, habilidades e potencialidades das crianças
	3 - Atividades diversificadas	- as atividades diversificadas desafiam as crianças a desenvolverem suas potencialidades, experimentando assim distintos momentos de modo individual e grupal
	4 - Definição do espaço em conjunto	- no espaço se valoriza a participação das crianças na sua definição, organização e manutenção
	5- Favorecimento da interação	- há relações sensíveis e responsivas entre as crianças, seus pares e os adultos que favorecem a construção do autoconceito positivo e as conduz à descoberta, à criatividade e a uma aprendizagem ativa. - as interações criança/criança favorecem a aprendizagem do negociar e compartilhar
	6 - Relação família/escola	- há comunicação permanente entre a escola e a família e os responsáveis pelas crianças são incentivados a participarem ativamente da educação de seus filhos, numa ação complementar entre parceiros -na relação família-escola há continua trocas de informações e experiências e um respeito mútuo
	7 - Promoção dos sentimentos de competência, segurança e confiança	-o planejamento e a organização do espaço oferece extensivas oportunidades para as crianças sentirem-se seguras, competentes e, assim , aprimorarem a sua participação no domínio, controle e preservação de seu habitat -no espaço as crianças sentem-se seguras, respeitadas, valorizadas e incentivada a desenvolver a sua autonomia e independência, fortalecendo, a cada dia, a sua confiança em si próprio e em todos ao seu redor

Quadro 1– Indicadores de qualidade relativos à organização dos espaços no contexto da Educação Infantil.

Resultados

A respeito do indicador condições físicas verificou-se no jardim de infância pesquisado um ambiente físico organizado segundo as necessidades de desenvolvimento e aprendizagem infantil, precisando, porém, de poucos ajustes quanto a algumas práticas pedagógicas e estruturação física.

Constatou-se na sala de aula e demais espaços da instituição observada um grande zelo pela limpeza e organização. Todos os espaços, incluindo as salas de aula, pátio, secretaria, cozinha e parque eram ambientes muito conservados e asseados. A rotina de limpeza era diária.

Em diferentes situações do cotidiano das crianças e professora observadas, pode-se verificar que as práticas de higiene eram incentivadas e realizadas como uma dinâmica autônoma por todas as crianças. Mais uma vez contribuindo de forma exemplar para o crescimento dos pequenos.

Presenciou-se no auditório, no primeiro dia de observação, uma palestra para as crianças sobre a higiene bucal. A Secretaria de Educação, em ação conjunta com a Secretaria de Saúde, mobilizou uma equipe formada por um dentista e duas enfermeiras para conscientizar as crianças a respeito da importância de se escovar os dentes pelo menos três vezes ao dia. Por meio de filmes, a equipe abordou a questão e, após a reunião, passou em cada sala entregando uma escova a todas as crianças e relembrou a mensagem dada a respeito da escovação de dentes. Segue um trecho desse encontro:

Quando caminhava para a sala verde, fui informada que eles já estavam indo para o auditório. Lá aconteceria uma palestra sobre a higiene bucal (...) Uns diziam suas experiências com dentistas, outros sobre suas escovas, outros ainda falavam a quantidade de vezes adequada para se escovar os dentes. Na seqüência foram apresentados 4 filminhos a respeito do cuidado com os dentes. Eles assistiram com muita atenção. No momento das músicas, dançavam e batiam palmas, mesmo estando sentados.

Ações como essas, em que o lúdico é utilizado para a formação de uma conscientização sobre a higiene bucal, que traz conhecimentos sobre como escovar corretamente os dentes e que oferece gratuitamente escova a todas as crianças, contribuem consideravelmente para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Luminosidade e ventilação foram outros aspectos também contemplados nos diversos espaços observados da instituição. O pátio era um lugar arejado e iluminado. As salas de aula, separadas da rua por grades e por uma vidraça, permitiam a entrada natural de luz e ventilação. O parque era totalmente ao ar livre. A cozinha, com janelas no alto e azulejos de cor branca nas paredes, assim como a secretaria e a sala dos professores, possuía uma ótima iluminação. O auditório, apesar de possuir vários materiais espalhados, também possuía luminosidade e ventilação adequadas para a satisfação das necessidades de todos que o utilizavam.

Analisando o critério mobiliários, materiais e objetos de fácil acesso às crianças, deparou-se com uma duplicidade de atitudes. Se por um lado, no parque e na sala havia acesso fácil a todos os brinquedos, espaços, equipamentos e objetos dos cantinhos que estavam dispostos na altura das crianças, por outro, o uso de alguns materiais de uso coletivo era restrito. Só podiam ser manuseados depois de serem entregues ao centro das mesas de atividades. Um exemplo dessa prática foi ver que, giz de cera, canetinhas, papéis e materiais de uso individual eram guardados em armários não chaveados, só podendo ser utilizados pelas crianças depois de distribuídos pela professora. As crianças apenas se aproximavam do armário para guardar as atividades em caixas personalizadas para cada aluno.

O jardim de infância observado ofereceu variados arranjos. A sala de aula organizada em cantos temáticos, o parque, o auditório, o refeitório e os passeios configuraram-se em ricos promotores de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e desenvolvimento. Espaços esses com organização propícia à concentração das crianças e à descentralização da figura do professor. Fatos que comprovam essas considerações revelam-se, por exemplo, em alguns trechos extraídos do diário de campo durante as observações no parque. São eles: “Quando cheguei já estavam no parque. Pude vê-los correndo, interagindo e, o mais importante, estruturando suas individualidades e tantas competências mais. A professora os observava sem intervir ou controlar o que as crianças faziam”; “Todos escolheram onde brincar. Uns foram para os balançadores, outros para o parque de areia e, mais alguns, para o castelo de madeira ou para o gira-gira” e, ainda, “O parque oferece inúmeras possibilidades para as crianças se movimentarem e aprenderem a controlar o próprio corpo”.

Quanto ao auditório, acredita-se que poderia ser mais bem utilizado, a fim de promover vivências a partir de jogos, brincadeiras e atividades coletivas. Já o uso da área da literatura, dentro da sala de aula, mais incentivado no dia-a-dia.

A Segurança foi mais um critério do indicador condições físicas a ser contemplado na instituição pesquisada. Ao longo de toda a pesquisa pode-se verificar que todos os espaços ofereciam segurança às crianças, ao mesmo tempo em que não limitavam as possibilidades de exploração do seu universo infantil. Ressalvas foram levantadas apenas ao uso de alfinetes para fixação das atividades e a parede de vidro no final da sala.

O uso do refeitório, parque, pátio e também os passeios e as festas foram planejados e considerados momentos de aprendizagem e desenvolvimento tanto quanto os da sala de aula. Todos esses ambientes puderam ser utilizados pela professora como parceiros na prática educativa e organizados para facilitarem os encontros e as trocas entre crianças e objetos. Revelaram dessa forma que o critério Planejamento adequado dos espaços externos à sala de aula foi levado a sério.

Quanto ao aspecto respeito às necessidades dos alunos com necessidades especiais verificou-se que nenhuma das crianças, pelo menos no período da pesquisa, necessitavam de ambientes e estratégias específicas para seus atendimentos. As salas e demais ambientes eram dispostos no mesmo piso do pátio. Elevadores e rampas, caso fossem indispensáveis a esses alunos, não precisariam ser disponibilizados.

Porém, não se teve certeza de como seria o atendimento, caso alguma criança necessitasse de tratamento específico a sua necessidade. Nenhum banheiro era próprio a Pessoas com

Necessidades Especiais (PNE). A instituição não dispunha de equipe nem sala de recursos multifuncionais para o atendimento aos alunos, comprometendo, em muito, a oferta de uma educação infantil de qualidade, ou seja, uma educação que atenda a todos os alunos com igualdade de direitos independente da diversidade humana (SILVA, 2008).

A análise do indicador relação tempo/espço revelou que a rotina era planejada de modo a permitir um equilíbrio entre as atividades relaxantes ou agitadas. Nela, os blocos de atividades, tanto dentro da sala de aula quanto fora, tinham tempos regulares, que davam aos pequenos uma noção de previsibilidade, mas que também era passível de flexibilidade, caso fosse necessária. Presenciou-se um espaço tranqüilo, reflexo da saudável relação pedagógica estabelecida entre a professora e os alunos e, também, de um planejamento baseado nas necessidades, habilidades, interesses e potencialidades das crianças. Indagada na entrevista sobre qual seria a prioridade na organização do trabalho desenvolvido com as crianças, a professora respondeu:

Ah, eu priorizo o interesse que eles têm, porque eu acho que as atividades se desenvolvem melhor a partir do momento em que eles têm interesse no que estar sendo feito, aquilo que chama a atenção, porque eles (...) com mais empenho, as atividades saem melhores. E tem mais significado para eles também.

Com essas palavras torna-se evidente a concepção que a professora tem em relação à educação infantil: a criança como centro do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Com relação à oferta de atividades diversificadas, identificou-se uma sensível atenção da escola em oferecer uma variedade de materiais e equipamentos distribuídos em diferentes momentos de modo a desafiar e estimular os pequenos. Apesar de oferecer poucas atividades envolvendo música e literatura, muitas atividades individuais e em grupos maiores e menores foram proporcionadas às crianças.

No início da tarde, geralmente aconteciam atividades coletivas. Sentados ao redor das mesinhas, cada criança conversava, ria e concentrava-se quando necessário, demonstrando sentir-se em grupo, mas consciente da sua responsabilidade. No lanche, mais uma vez estavam em grupo. Ao chegarem ao parque as possibilidades se abriam. Uns brincavam sozinhos na areia, outros em grupos menores de duas ou três crianças e outros em grupos maiores. Nos cantinhos, as atividades em grupos menores eram marcadas pela exploração, movimentos, criatividade e aprendizagens diversas. Alguns meninos gostavam de ir para a área aberta da sala, onde pegavam carros e cavalos de pau e brincavam por muito tempo.

Assim como os passeios, as duas festas realizadas na escola durante a pesquisa foram momentos de muitas atividades diversificadas. Os pequenos tiveram contato com as famílias de

seus colegas, apresentaram-se em público e aprenderam mais sobre a vida rural. Experiências únicas, que fecharam um belo projeto sobre as especificidades da vida rural e da vida urbana.

Em face dessas atividades apresentadas, pode-se concluir que a professora reconhece que o espaço, ao permitir o brincar, o movimento, o jogo e a brincadeira em geral, além de dar prazer, possibilita vivências significativas que contribuem muito para a formação da criança como ser humano, participante da cultura e da sociedade em que vive, revelando dessa forma, uma concepção de que o espaço, quando bem organizado, é um dos promotores do desenvolvimento e da aprendizagem. Além disso, estava de acordo com a função social encontrada na análise do PPP, que é a de proporcionar ambientes de aprendizagens relevantes, permitindo ao aluno perceber seu cotidiano e a relação homem, natureza e sociedade, por meio do desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Quanto à definição do espaço escolar conjuntamente pelos professores e alunos verificou-se que as crianças não participavam substancialmente da elaboração do planejamento de seus espaços de convívio. Mas também não se podia afirmar que a forma como elas encontravam tais espaços as impedia de brincar, relacionarem-se com outras crianças e adultos, de movimentarem-se livremente, de criarem e de sentirem-se felizes.

Pela organização da sala em cantos de atividades, viu-se uma interação bem mais estreita entre as crianças do que comumente se ver em modelos de organização tradicionais. Enquanto brincavam e reconstruíam suas vidas por meio dos jogos simbólicos ou brincadeiras de faz-de-conta, as crianças, fosse na área da casinha, fosse na área dos jogos ou da literatura, aproximavam-se de seus colegas para discutirem pontos de vista diferentes, falarem de suas experiências de vida e fantasiarem a partir da existência de personagens fictícios. Uma legitimação dessas constatações revela-se em algumas notas do diário de campo durante observações no cantinho da casinha.

Meninos e meninas se misturavam ora passando roupa, dando comida às bonecas, se maquiando na penteadeira, cozinhando, utilizando a geladeira e tantas outras representações da vida diária.

(...) com a simbolização, com a representação dos costumes, valores e crenças exteriorizados pelas falas das crianças, deixando claro a apropriação da cultura. Em um determinado momento ouvi:
- Sai daqui, passar roupa não é coisa de homem.
Olhe só quais valores cercam essa criança.

Interagindo com os amigos e os objetos desses cantos, os pequenos iam construindo seus próprios conhecimentos. As crianças brincavam sem perderem a qualidade das interações no

contato físico, na liberdade dos movimentos e no toque, aspectos indispensáveis à construção de vínculos afetivos. (HORN, 2004).

A instituição pesquisada mostrou-se aberta à participação da família no processo educativo de seus alunos. Como incentivo a essa partilha, a escola desenvolveu um projeto de encontros e palestras com voluntários para dar possíveis esclarecimentos a toda comunidade.

As famílias visivelmente mostravam-se incorporadas ao trabalho escolar. Um exemplo desse fato deu-se no envolvimento dos pais nas duas festas realizadas. Contribuíram com todas as solicitações da escola. Financeiramente, com o envio de brinquedos e alimentos, e, também, comparecendo em grande número para prestigiarem as danças das crianças.

A interação solidária e respeitosa entre as famílias e a escola pode ser vista também pela oportunidade de participarem da elaboração do PPP, para que, assim, discutissem sobre as políticas da Instituição. No final de cada ano letivo a família recebe um questionário onde pode sugerir melhorias administrativas e pedagógicas. As sugestões dos responsáveis são utilizadas como base para mudanças no PPP.

Analisando o indicador promoção dos sentimentos de competência, segurança e confiança pode-se perceber uma relação de confiança e reciprocidade entre as crianças e a professora, legitimada em ações como o estímulo dado pela professora para que todos os alunos ajudassem a cuidar do aluno com necessidades especiais.

As crianças pareciam confiar em si mesmas e nos outros. Constantemente recebiam orientações para mergulharem na exploração do mundo que os cercava e, conseqüentemente, para que agissem de forma mais autônoma. Observando um momento na área dos jogos, presenciou-se a seguinte situação:

A professora então os desafiou a montarem o melhor robô do mundo. Foi um sucesso! Cada um ficou mais criativo que o outro.

Fui como de costume passando de mesa em mesa para conversar sobre o que estavam construindo com os blocos. Uma garotinha indagou:

- Não é para montar arma não. Não é tia?

Outro respondeu:

- Não é arma isso aqui, minha filha. É um laboratório.

E eu continuei:

- E o que se faz nesse laboratório?

- Ah, muitas coisas engraçadas: pula-pula, carrinhos e robôs.

As orientações verbais da professora ocorriam sempre de maneira positiva, clara, não deixando dúvida sobre o que era exigido. Ela envolvia as crianças no estabelecimento de regras, o que em muito facilitava que os pequenos as cumprissem.

Conclusão

De um modo geral, considerando os indicadores analisados, pode-se afirmar que a instituição proporcionou aos seus alunos um espaço que pode ser considerado um ambiente de ricas aprendizagens e condições de desenvolvimento.

Constatou-se, porém, que, a partir da organização do espaço, algumas práticas caminhavam na contramão da busca por uma educação infantil de qualidade. Apesar de poucas, merecem destaque para que se desperte a atenção dos que farão uso deste trabalho.

Sugeriu-se que o jardim de infância observado deve atentar: para um melhor aproveitamento do auditório; acesso menos restrito aos materiais guardados nos armários; maior incentivo ao cantinho da leitura; oferecer mais atividades com tintas, colas coloridas, instrumentos musicais, fantoches, rimas e versos e ainda, mais atenção quanto à definição conjunta do espaço.

Entende-se, contudo, que o espaço possibilitou mais atividades formadoras do que limitadoras. Mais contribuiu para uma educação de qualidade do que o contrário. Dessas contribuições muito há o que se ressaltar.

Inicialmente, aparece a organização em cantos temáticos com contribuições diversas e indispensáveis ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil. Dentre elas, ressalta-se a oferta às crianças de uma visão fácil de todo o campo de ação, tanto dos adultos quanto dos seus pares. Também o favorecimento de interações essenciais à promoção da identidade pessoal, o desenvolvimento de competências e de habilidade e, ainda, a construção da autonomia.

No que se refere à coordenação do tempo e do espaço, encontrou-se uma rotina que transcende as paredes da sala de aula, baseada nas especificidades infantis e que não se limita à reprodução do ensino fundamental. Dessa forma, revelou-se uma concepção de criança e de educação infantil em que a lógica da infância defende:

Uma pedagogia que não coloca a criança única e esquematicamente como objeto de uma programação adulta, mas que parte da escuta dos desejos, das fantasias e das idéias expressas por cada uma das crianças, sempre diferentes, para realizar atividades pensadas e construídas em conjunto. (BONDIOLI; BECCHI, 2003, p. 94).

A organização do espaço investigado evidencia o reconhecimento do direito da criança de tornar-se protagonista do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Mediante jogos, brincadeiras, brinquedos, materiais e objetos diversos, as crianças criaram hábitos, atitudes, competências, valores e conhecimento de maneira divertida e natural, denunciando dessa forma, a

concepção de que a instituição, mais diretamente no papel da professora, possui diretrizes voltadas para um desenvolvimento e uma aprendizagem integrais, onde a organização espacial assume um papel de extrema relevância. Ela assumia uma postura não centralizadora, uma concepção distante da que compreende o ensinar e o aprender como via de mão única, onde o professor ensina e o aluno aprende. As crianças tiveram oportunidades de serem crianças ao usufruírem de um ambiente livre para a exploração, manipulação e interações, além de ser um ambiente rico em possibilidades lúdicas para criarem, fantasiarem, desenvolverem-se e aprenderem. Tiveram seu tempo de infância respeitado.

Pelo exposto, deseja-se que novas investigações surjam e contribuam para a compreensão desse campo pouco conhecido, mas de extrema relevância ao desenvolvimento e aprendizagem infantil: a organização do espaço. E, assim, todos os envolvidos na educação infantil tomem consciência de que a organização do espaço é muito mais que disponibilizar para as crianças jogos, brinquedos, tintas e tantos recursos lúdicos. Há que se entendê-lo como um recurso pedagógico relevante para a construção de uma educação de qualidade, onde deve haver, sempre, uma relação de confiança, respeito, desafios e valorização mútuas. Seja entre os profissionais e as crianças, seja entre as crianças ou entre elas e o ambiente mais próximo – a sala de aula e a família, e o meio ambiente como um todo.

ORGANIZACIÓN DEL ESPACIO: CONTRIBUCIONES PARA UNA EDUCACIÓN INFANTIL DE CALIDAD

Resumen: *El estudio de como la organización del espacio puede contribuir para una educación infantil de calidad ha sido un área aún poco explorada en la educación. En el intuito de comprender esa problemática, este estudio tuvo como campo de investigación una institución de Educación Infantil de la Red Pública de Enseñanza del Distrito Federal localizada en el Plan Piloto, en la ciudad de Brasilia. Los participantes fueron 18 niños y su respectiva profesora, observados durante 14 encuentros en los más distinguidos momentos de su cotidiano. Los resultados provenientes del análisis de indicadores de calidad de la educación infantil, en el que se refiere a la organización del espacio, constituidos específicamente para la investigación, apuntaron que los espacios ofrecidos por la institución en casi todos sus aspectos contribuyeron para la oferta de una educación infantil de calidad cuando atribuí al niño el derecho de hacerse protagonista de su proceso de desarrollo y de aprendizaje.*

Palabras clave: *Organización espacial; Educación infantil; Calidad.*

Notas:

¹ O referido texto é parte da Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB, por ocasião da conclusão do Mestrado em Educação.

² Email: margarida-moura@ig.com.br

Referências Bibliográficas

AMORA, Antônio Soares. **Mini dicionário Soares amora da língua portuguesa**. 5ª edição. São Paulo, Saraiva, 1999.

BONDIOLI, Anna; BECCHI, Egle (orgs.). **Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras**. Tradução Fernanda Landucci Ortale e Ilse Paschoal Moreira. Campinas: Autores Associados, 2003.

BRASIL. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília, MEC/SEI, 1998.

CAMPOS, Maria Malta; CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Consulta sobre qualidade da educação infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito**. São Paulo, Cortez, 2006.

CARVALHO, Mara Ignês Campos de; RUBIANO, Márcia Regina Bonagamba Rubiano. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes R. de (org). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo, Cortez, 1994.

ESCOLANO, Augustín; FRAGO, Antônio Vijiiao. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 1998, p. 229-281.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

KATZ, Lilian G. Cinco perspectivas sobre qualidade. In: **Qualidade e projecto na educação pré-escolar**. Lisboa: Ministério da Educação Básica, 1998 p.15-37. Disponível em http://www.dgide.minedu.pt/fichdown/pre_escolar/qualidade_projecto.epdf. Acesso em 20 novembro 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SILVA, Rosemary Guilardi da. **Qualidade na Educação Infantil: O atendimento especializado na sala de recurso multifuncionais**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2008.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. **Educação Infantil: os desafios da qualidade na diversidade**. (mimeo) Palestra de abertura do Seminário Nacional de Educação Infantil do SESI: Identidade na Diversidade. Belém, 1998.